



# UM FAROL DE CABO VERDE

NEWSLETTER DA FUNDAÇÃO CARLOS ALBERTINO VEIGA | N.º 11 | MAIO 2026

## MENSAGEM DO PRESIDENTE



### **Caros amigos,**

Fechámos mais um mês em que Cabo Verde se afirmou, através da Fundação Carlos Albertino Veiga, com clareza no plano internacional, não apenas pela presença, mas pela qualidade das ideias, pela consistência da ação e pela forma como soube ligar diferentes dimensões da sua identidade, o oceano, a cultura, o desporto e a sua diáspora.

No Global Sustainable Islands Summit, tive a oportunidade de contribuir para um debate que está a ganhar uma nova relevância global. Neste evento nas Canárias, defendemos uma ideia

simples, mas transformadora, a necessidade de ultrapassar o conceito de Small Island Developing States e afirmar uma nova realidade, a dos Big Ocean States. Não se trata apenas de uma mudança de linguagem, mas de uma mudança de posição no mundo. Deixar de nos definirmos pela limitação e passar a afirmar-nos pela escala do nosso oceano, pela responsabilidade que ele nos confere e pelo papel que devemos ocupar nas decisões globais.

Essa visão encontrou eco e foi acompanhada por uma presença que procurou ser completa, institucional, política e também geracional, com o envolvimento de jovens apoiados pelo programa Our Shared Ocean, sinal claro de que o futuro desta agenda se constrói com novas vozes e novas responsabilidades.

E este foi também um mês de ação concreta. Nos Estados Unidos, acompanhámos a missão da Federação Cabo-verdiana de Futebol, num momento de preparação para aquele que será um dos maiores marcos da nossa história coletiva. Em Nova Iorque e na região de Boston, trabalhamos com parceiros, encontrámos a nossa diáspora e ajudámos a preparar não apenas uma participação no Mundial, mas um momento de convergência nacional, onde o país se projeta para o mundo com ambição e confiança.

Este movimento coincide com outro sinal claro do posicionamento de Cabo Verde no plano internacional, através da distinção como Capital Africana da Cultura 2028. Um reconhecimento que confirma aquilo que há muito sabemos, que a nossa identidade cultural é uma das nossas maiores forças e um instrumento essencial de projeção e desenvolvimento. Este facto, apenas reforça a nossa convicção em manter como pilar fundamental da Fundação a nossa ligação e apoio à Cultura e às Artes de Cabo Verde.

Abril trouxe-nos também um momento de reflexão e profunda tristeza, com a partida de Mário Marta, cuja voz e percurso deixam uma marca na música cabo-verdiana e na forma como levamos a nossa cultura ao mundo.

O que une todos estes momentos é uma ideia comum onde Cabo Verde se afirma não pela dimensão do seu território, mas pela escala da sua visão. No oceano, na cultura, no desporto e na diáspora, começa a desenhar-se um país que não se limita a participar, posiciona-se para influenciar e liderar.

É esse caminho que continuaremos a construir, e gostaria de contar consigo nesta nossa viagem.

**Paulo Veiga**

*Presidente da Fundação Carlos Albertino Veiga*

# O OCEANO COMO ARENA POLÍTICA

## CABO VERDE NO CENTRO DO DEBATE INTERNACIONAL SOBRE O FUTURO DOS OCEANOS



**G**lobal Sustainable Islands Summit não é apenas mais uma conferência internacional. É hoje um dos principais espaços globais de encontro entre líderes políticos, organizações multilaterais, investigadores e decisores estratégicos que pensam o futuro dos territórios insulares. Num contexto em que as alterações climáticas, a segurança alimentar, a energia e a geopolítica convergem no oceano, organizado pela Island Innovation, este fórum tem vindo a afirmar-se como uma plataforma crítica para redefinir prioridades, alianças e modelos de desenvolvimento.

Mais do que um espaço de debate, o GSIS está a transformar-se num ponto de inflexão. Pela primeira vez, começa a emergir uma consciência coletiva entre os territórios insulares de que a sua fragmentação histórica, geográfica e política, pode dar lugar a uma nova forma de afirmação conjunta. Uma afirmação baseada não na vulnerabilidade, mas na escala real do seu domínio oceânico, na sua posição estratégica e no seu papel central na

gestão de um dos recursos mais decisivos do século XXI.

Foi neste contexto que Cabo Verde marcou presença através da presença da Fundação Carlos Albertino Veiga, numa presença que refletiu não apenas representação institucional, mas também visão estratégica. A participação de Paulo Veiga, enquanto keynote speaker e voz ativa nos principais painéis, assegurou que a intervenção cabo-verdiana articulasse pensamento político, ação institucional e projeção internacional. A este posicionamento juntou-se ainda a participação de três estudantes apoiados pelo programa *Our Shared Ocean*, que desempenharam um papel ativo no side event, reforçando a importância de envolver novas gerações na construção da agenda oceânica.

Esta presença conjunta, institucional, política e jovem, reforçou o posicionamento da Fundação como plataforma ativa na construção da agenda atlântica e na afirmação de Cabo Verde como ator relevante no debate global sobre o oceano.

Foi neste enquadramento que decorreu o painel sobre Governança Oceânica. Se o side event foi o espaço da visão, este foi o espaço do confronto direto de ideias, e Paulo Veiga não se furtou ao debate.

No referido painel sobre Governança Oceânica, o Presidente da Fundação trouxe ao debate uma mudança essencial: inverter o modelo. Durante demasiado tempo, as políticas para o oceano foram construídas de cima para

baixo, muitas vezes sólidas no papel, mas distantes das pessoas.

A proposta é simples e transformadora, e resulta na transformação para um modelo *bottom-up*, onde comunidades, pescadores e atores locais deixam de ser destinatários e passam a ser parte ativa na construção das soluções. Porque, no fim, são as pessoas que vivem o oceano todos os dias, e são elas que garantem a sua sustentabilidade.

O debate foi exigente, mas sempre substantivo, e deixou uma conclusão difícil de ignorar, a que algo está a mudar. Os estados insulares começam a falar entre si com uma nova linguagem, a reconhecer interesses comuns e a perceber que, juntos, representam uma escala e um potencial que o sistema internacional ainda não incorporou plenamente.

Cabo Verde não esteve presente no Global Sustainable Islands Summit para acompanhar a discussão. Esteve para a influenciar, e, através da Fundação Carlos Albertino Veiga, cada vez mais, para a liderar. ■





# DE SIDS A GRANDE NAÇÕES OCEÂNICAS

## A VISÃO DO PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO, PAULO VEIGA, PARA UMA NOVA LINGUAGEM DAS NAÇÕES OCEÂNICAS

Algumas ideias não se limitam a ser ditas, reconfiguram a forma como o mundo pensa. Foi isso que aconteceu no side event do Global Sustainable Islands Summit deste ano, quando o nosso Presidente Paulo Veiga subiu ao palco como *keynote speaker* para apresentar uma proposta que é, ao mesmo tempo, conceptual e profundamente política. A ideia passa por ultrapassar o conceito de SIDS (Small Island Developing States) e afirmar uma nova designação, mais justa e mais ambiciosa: Big Ocean States, ou Grandes Estados Oceânicos.

A premissa é simples, mas transformadora. Durante décadas, países como Cabo Verde foram definidos a partir da sua dimensão terrestre, fragmentos de território dispersos no oceano, medidos em quilómetros quadrados de terra. No entanto, essa leitura ignora aquilo que verdadeiramente nos define, ou seja, a nossa dimensão marítima, a nossa

Zona Económica Exclusiva, a nossa posição estratégica no Atlântico, a riqueza da nossa biodiversidade e o potencial energético dos nossos recursos naturais.

Quando essa equação muda, muda tudo. Cabo Verde deixa de ser visto como um pequeno estado insular e passa a afirmar-se como aquilo que verdadeiramente é: um grande estado oceânico.

“Não somos pequenos. Somos imensamente oceânicos, e é tempo de o mundo reconhecer isso, e de nós próprios o afirmarmos.”

Esta mudança não é apenas semântica. A forma como os países se definem no plano internacional condiciona a forma como são tratados. Influencia o acesso a financiamento, o peso nas negociações, a capacidade de influenciar agendas globais e o lugar ocupado nas estruturas de decisão. Um “pequeno estado em

desenvolvimento” posiciona-se como recetor. Um “grande estado oceânico” posiciona-se como parceiro. A diferença não é simbólica, é estrutural.

Na sua intervenção, sustentada por dados e visão estratégica, Paulo Veiga estruturou este novo paradigma em três eixos essenciais: a verdadeira escala dos estados arquipelágicos quando medida pelo seu domínio oceânico, a responsabilidade acrescida que essa dimensão implica na gestão de um recurso que é global, e a necessidade de uma representação internacional proporcional a essa responsabilidade.

A reação da conferência foi clara e recebeu o conceito de Big Ocean States com profundo impacto junto de delegações de outros estados insulares, de representantes de organizações multilaterais e de especialistas que trabalham há anos na interseção entre soberania, identidade e oceano. Mais do que uma ideia bem recebida, ficou no ar a perceção de que estamos perante o início de uma mudança de narrativa.

O Global Sustainable Islands Summit deste ano não terminou apenas com conclusões, deixou uma nova linguagem em circulação. E essa linguagem, cada vez mais, tem origem em Cabo Verde, e reforçou o papel da Fundação Carlos Albertino Veiga na afirmação internacional de Cabo Verde e na transformação do paradigma para os países que, como nós, assentam o seu território no mar. ■



# RUMO AO MUNDIAL: CABO VERDE EM MISSÃO NOS ESTADOS UNIDOS

## FEDERAÇÃO, FUNDAÇÃO E DIÁSPORA NA CONSTRUÇÃO DE UM MOMENTO HISTÓRICO



A cerca de dois meses do início do nosso sonho coletivo de participação, pela primeira vez, no Mundial de Futebol, Cabo Verde esteve nos Estados Unidos numa missão que foi muito mais do que desportiva. Foi um movimento de preparação, afirmação e ligação a um dos seus maiores ativos estratégicos: a diáspora.

A missão da Federação Cabo-verdiana de Futebol,

liderada pela Vice Presidente Teresa Brito, contou com o apoio da Fundação Carlos Albertino Veiga, resultado do protocolo de cooperação existente entre as duas entidades, representada por Bruno Filipe Costa, numa presença que procurou reforçar pontes, alinhar prioridades e posicionar este momento histórico como um projeto de todo o país, dentro e fora do território.

Em Nova Iorque, na sede da Capelli, um dos principais parceiros da nossa seleção e responsável pelos equipamentos que irão nos vestir a todos, foi apresentada a camisola que oficial de Cabo Verde para o maior palco do futebol mundial. Um momento carregado de simbolismo, e que foi muito mais do que a apresentação de um equipamento, foi a materialização de um percurso coletivo e a afirmação de uma ambição nacional. Este momento foi ainda aproveitado, para uma longa e produtiva reunião de trabalho com vista à preparação de um evento tao exigente como é um Mundial de Futebol.

E se Nova York foi institucional e de reuniões, a região de Boston ofereceu a esta missão uma outra escala. Ali, onde a comunidade cabo-verdiana tem raízes profundas, os encontros sucederam-se entre instituições, líderes comunitários e cidadãos que vivem Cabo Verde à distância, mas com igual intensidade. Mais do que celebração, estes momentos afirmaram a ideia clara de uma diáspora

que é parte ativa deste caminho.

Foi aqui que se intensificaram contactos com vista à captação de apoios e parcerias para a seleção Nacional, e se procurou consolidar o calendário de pré-estágio que a seleção fará na zona de Boston com o envolvimento da comunidade e criação de estruturas para a nossa diáspora durante os jogos do Mundial. Foi um momento de enorme orgulho e emoção poder preparar o Mundial junto de uma das maiores comunidades cabo-verdianas no mundo e de sentir em cada abraço e cada encontro o calor da nossa Morabeza.

Esta missão deixou uma mensagem clara, assente na ideia de que o Mundial não será apenas uma competição, será um momento de convergência nacional, entre o país e a sua diáspora, entre o desporto e a estratégia, entre o sonho e a sua concretização.

Estamos a chegar, e chegaremos juntos. ■

# NOTA DE PESAR



É com profunda tristeza que a Fundação Carlos Albertino Veiga expressa o seu pesar pelo falecimento de Mário Marta, aos 53 anos.

Mário Marta afirmou-se como um intérprete de grande sensibilidade, profundamente ligado às raízes da música cabo-verdiana, destacando-se na interpretação de mornas e coladeiras, que levou a diferentes públicos com autenticidade e emoção.

Ao longo do seu percurso, construiu uma presença respeitada tanto em Cabo Verde como na diáspora, participando em palcos e eventos de referência, e contribuindo para a valorização da nossa identidade cultural.

O seu mais recente momento de projeção, com a participação no Festival da Canção de Portugal deste ano, simboliza bem esse percurso de dedicação e afirmação artística, marcado por uma ligação profunda ao tema da pertença, conceito que definiu, também, a sua própria vida entre geografias, culturas e comunidades.

A sua partida representa uma perda significativa para a cultura cabo-verdiana. Mais do que a voz, ficará a memória de um artista íntegro, de presença marcante e de um compromisso genuíno com a música que nos define enquanto povo.

À sua família, amigos e a todos os que com ele partilharam este caminho, a Fundação Carlos Albertino Veiga endereça as mais sentidas condolências. A sua memória permanecerá viva na música, na cultura e no coração de Cabo Verde. ■

## ORGULHO NACIONAL



## CABO VERDE CAPITAL AFRICANA DA CULTURA 2028

A distinção de Cabo Verde como Capital Africana da Cultura 2028 é muito mais que um reconhecimento, é uma afirmação. Afirmação de um país que, ao longo de décadas, construiu uma identidade cultural singular, feita de encontros, de travessias e de uma capacidade rara de transformar diversidade em unidade. Da música à literatura, da língua à criação contemporânea, Cabo Verde tem sido, silenciosamente, uma das vozes culturais mais consistentes do espaço atlântico.

Esta escolha coloca o país no centro de um novo ciclo. Um ciclo onde a cultura deixa de ser apenas expressão e passa a ser também estratégia, um instrumento de projeção internacional, de afirmação identitária e de desenvolvimento económico.

Ser Capital Africana da Cultura não é apenas receber um título. É assumir a responsabilidade de representar um continente diverso, dinâmico e em transformação. É criar pontes entre África e o mundo, e, no caso de Cabo Verde, é fazê-lo a partir de uma posição única, entre continentes, entre culturas, entre histórias.

Este reconhecimento surge também num momento em que o país reforça a sua presença internacional em múltiplas frentes, do oceano ao desporto, da diplomacia à cultura. Há uma narrativa que começa a ganhar forma, uma narrativa de um Cabo Verde que se afirma não pela dimensão do seu território, mas pela escala da sua visão. Assim, 2028 será um ponto alto de um caminho que começa agora, e, mais uma vez, Cabo Verde mostra que sabe transformar identidade em futuro. ■

Copyright © 2025 Fundação Carlos Albertino Veiga

Avenida Grão-Ducado do Luxemburgo,  
Tira Chapéu, CP 7944-009

Praia • Cabo Verde

# UM FAROL DE CABO VERDE



**2021** Década das Nações Unidas  
**2030** da Ciência Oceânica para  
o Desenvolvimento Sustentável



## SOBRE A FUNDAÇÃO

*A Fundação Carlos Albertino Veiga tem como missão promover o desenvolvimento social e económico de Cabo Verde, com base nos valores de solidariedade e empreendedorismo, contribuindo para um futuro mais justo para todos os cabo-verdianos.*

### PARTNERS:



### SPONSORS:

